

REFLEXÕES DE MIMI

Mamá, diga se são d'orro
todas aquellas estrellas,
que no ceu luzem tão bellas
e p'ra que servem alli ?
De lindas que são a oit'al-as
sem ter somno, me parece,
eu ficava, se possesse,
muito tempo ao pé de si.

— Minha filha, essas estrellas
são todas soes refulgentes,
ou mundos que são parentes
d'este nosso, minha flor ;
e servem para mostrar-nos
a omnip-tencia infinita,
a sabedoria bendita
do divino Creador.

— Mas são tantas, mamásinha,
não vês o ceu todo cheio,
tê pequeninas no meio
das grandes veio luzir,
e taão soes e mundos !
Mamá, pois isso é verdade ?
pois toda esta immensida'e...
Mas porque está a sorrir ?

— Por chmares immensida'e
do infinito a um cantinho,
o que tu vês, meu anginho,
é uma migalha dos ceus,
que não tem fim e estão cheios
d'innumeros soes e mundos,
que encerram mysterios fundos.

— Mamá, como é grande Deus !

MARIA RIBEIRO ARTHUR.



DE LISBOA A PARIS

III

Rompeu a manhã e logo nos erguemos para reconhecer se esta terra correspondia á sua grande reputação de ser um dos jardins da Europa.

Confessamos que ficámos extasiados deante d'esta natureza, a mais opulenta, envolvendo a mais adiantada civilisação. São serras altíssimas e pittorescas, com os cimos cobertos de neve, arvoredos frondosos e gigantescos, cobrindo as encostas e recamando o valle, todo tapetado de vergeis e jardins, e por entre tudo isto a compridissima *allée d'Etigny*, com as suas quatro alas de arvores seculares, *hoteis* magnificos e raras lojas de todo o genero.

A este grande *boulevard* vão dar outras ruas e travessas, onde tambem são continuos os jardins, os palacios e *chalets* do mais variado bom gosto, e tantos e tantos, que logo se acredita ser enorme a multidão de forasteiros que advem nos mezes de julho e agosto, e que dão, de dia e de noite, mui animado movimento a esta povoação, constantemente ouvindo-se o rodar dos trens, o estalar dos chicotes e o tropear dos ginetes, que levam e trazem forasteiros e *touristes*, que se não fartam de admirar as bellezas naturaes, que cercam esta terra encantadora, situada n'um valle o mais ameno, entalado entre os altos montes *Superbagnères* ao poente, *Montauban* e *S. Mamet* ao nascente, vendo-se ao fundo, como fechando o valle, os aridos e altíssimos cumes do *Pique*, sempre coberto de neve, o *Port de Venasque* e o *Sauvegard*, ficando na rectaguarda da povoação a montanha de *Casseida*.

O estabelecimento thermal é vasto e perfeitamente adequado aos diversos modos de usar d'estas preciosas aguas sulfurosas.

Duas galerias lateraes, sustentadas por columnas de ordem corinthia, e ao centro um portico, de volta perfeita e quasi a topetar o frontão, conduzem ao corpo central, que é occupado pela casa de entrada ou sala de leitura, d'onde partem corredores, que dão, de um e d'outro lado, para os quartos de banho.

Ao fundo d'essa vasta sala ergue-se uma escadaria, que conduz á galeria das *humages*, ou inspirações, e das bicas das diversas nascentes. Ao começo d'essa escadaria, do lado esquerdo, está collocado um pequeno monumento de marmore, que prova que já os romanos exploraram estas aguas thermaes. Tem a seguinte inscripção :

NYPHIS
AUG.
SACRUM.

Em frente do estabelecimento thermal extendem-se um vasto *parque*, abundante de arvoredo frondoso, de alfombras viçosas, de muitos

tabeleiros de flores, tudo tratado com o maior esmero e bom gosto.

Deante do chalet rustico, *Buvette du Pré*, precipita-se uma abundante queda d'agua n'um formosissimo lago, a que dão aspecto natural as rochas e arvoredos bem dispostos.

Outr'ora esse *parque* era o grande ponto de reunião, mas hoje em dia roubou-lhe a primazia o *Casino*, tão bello, grandioso e encantador que é difficil descrevel-o.

Os jardins são amenissimos com seus arvoredos, com seus lagos e cascatas, com suas plantas e flores, abundantes e dispostas com o mais apurado gosto, parecendo obra de habil pincel, pela fórma como se combinam as côres e sobresahe o desenho d'estes floridos tapetes, estendidos de proposito nas inclinações do terreno.

O palacio é magnifico com suas escadarias, vestibulos, salas, museus e theatro. A architectura e arte decorativa alli exhibiram quanto de mais primoroso podiam dar.

Quem entra no *Casino de Luchon*, logo conclue que, por força, grandissimo numero de forasteiros afluem todos os annos a este verdadeiro paraíso, para haver quem arriscasse tantos capitães, levantando e conservando tão luxuoso estabelecimento de diversões, que faz a mais subida honra ao architecto que o delincou e dirigiu a sua construcção.

A Franca o conta decerto entre os seus architectos mais habéis, como é altamente conceituado o engenheiro, residente em Tolouse, Mr. Lazard, de quem são as admiráveis cartas de relevo dos Pyreneus, as quaes se observam n'uma das salas do museu do *Casino*. Nos jardins d'este, assistimos a grandes concertos, dignos de tão selecta e numerosa sociedade, bem como ás illuminações, as mais deslumbrantes que temos visto, o que não diremos dos fogos de artificio, na verdade inferiores aos portuguezes.

Desistimos da enumeração e descripção dos edificios de *Luchon*, tantos são os palacios, os *hoteis*, esplendidos de marmores, de tapetes, de verduras e flores, e o que é mais, esse amor da folhagem e de flores não se limita aos vestibulos, escadarias e jardins, que da rua se avistam atravez das entradas e corredores magnificentes, mas, com assentimento da esclarecida municipalidade e agrado do publico, vem invadir parte dos passeios das ruas.

A igreja parochial de *Luchon* é externamente de aspecto severo, talvez descurada, mas não destituída de certa grandeza.

Internamente é vasta, de bons marmores, graciosamente trabalhados no altar-mór, na balustrada e no pulpito.

Uma inscripção declara o nome do bemfeitor, a quem esta parochia deve seus marmores.

Os quadros não me pareceram de grande merito. O órgão é excellente, mas infelizmente tanguido por organista não exímio.

Ahi assistimos a mais de um officio divino. Aos domingos ha missas a todas as horas e todas são concorridas e com devoção, principalmente a parochial, *grand'messe*.

O templo está sempre aberto de dia e boa parte da noite, e nunca alli fomos, que não encontrassemos muitos fieis.

Presencéamos um funeral.

Atraz do caixão vae de pluvial preto o parcho entre dois ministros de dalmaticas tambem pretas. Os outros sacerdotes, adiante do finado, vão elevando seu canto funebre, que, intercorrido, triste, plangente, ora forte, ora fraquissimo, tinha o que quer que era de oração, de lamento, do partir da ave que se abala para longe, do vento que se desfez e se some pelas quebradas, e da folha, que, amarelecida, cahe com leve ruído no montão de folhas, que o vento gelido e tempestuoso do inverno espalha e faz de todo desaparecer.

Ao passar o funeral, todos sem excepção pararam, se voltaram para elle e se descobriram com respeito, como é proprio de um povo civilisado. Os amigos do finado não sómente levam o caixão mas tambem, não sobre elle, mas adiante, levam o panno mortuario, em que vão recebendo as flores e corôas que o publico, conhecedor das virtudes do finado, ahi deposita.

No corpo da igreja estavam duas tarimas, uma em que depositaram o corpo, e outra abaulada, em que estenderam o panno e collocaram as corôas.

A missa foi a órgão e cantochão. Quando os sacerdotes desceram para o *Libera-me*, collocaram-se aos pés do feretro, dando volta ás duas eças, só aspergiram e incensaram o corpo.

Ceremonia é esta mui religiosa e de antiquissima origem. Assim fazem os catholicos como faziam os antigos, que depositavam os cadaveres sobre pyras de madeira odorifera e viçosas flores.

A decoração funebre do templo e eças era de pannos pretos, salpicados de lagrimas e outros simples ornamentos de prata.

Não usam tochas ou brândões, mas vélas de cera mui branca ou stearina.

Acabado o *Libera-me*, como tinham vindo de casa para a igreja, seguiram para o cemiterio, e apenas alli chegaram, todos se descobriram e se conservaram descobertos com o maior respeito até ao fim da cerimonia.

Não ha alli capella, mas no centro uma grande cruz de ferro, de cuja base pendem caldeirinhas de agua benta, para com ella e flores os fieis cobrirem as sepulturas dos seus queridos finados.

O campo do eterno repouso está sempre aberto para que nem em um só momento seja defeso ir chorar, orar e pedir consolação e auxilio aos entes que se amaram e que o amor, a saudade e a fé dizem, ainda vivem para se interessarem pela nossa ventura.

Santa crença, que tanto honra e exalta o ser humano!

Assisti á missa parochial e é facil avaliar com que curiosidade o faria.

Sempre é cantada, mas por um padre só, o prior (le curé).

Durante ella, acompanhadas ao excellente órgão, boas vozes cantaram o cantochão, que nos pareceu menos harmonioso do que o cantochão portuguez.

Após o evangelho, o coadjutor (le vicaire) subiu ao pulpito e fez a *prône*, isto é, publicou os banhos, leu a relação dos officios funebres e officios divinos da semana seguinte, uma pastoral do reverendo arcebispo de *Tolouse*, convidando os fieis a uma *quête*, ou peditorio, para se instituir em *Tolouse* uma universidade catholica, cuja boa doutrina sirva de contra-veneno contra tanta doutrina nefasta, que infelicita a sociedade.

Nos domingos de tarde ha vespéras, que são muito concorridas.

O culto, mais alindado, é menos grave, menos magestoso e proprio do que em Portugal.

O dia da natividade de Nossa Senhora, de tanta devoção e poesia christã entre nós, em *Luchon* quasi nada se distinguiu dos outros dias.

Os fieis é que levaram *bouquets*, que depositaram aos pés do altar, e vélas que elles mesmos accendiam e collocavam em simples candelabro de ferro, posto em parte da capella, d'onde podia melhor alumiar a igreja.

(Continúa)

SILVA FIGUEIRA.

O TIGRE

(Conclusão)

«Os elephantes ergueram emfim as trombas e começaram a berrar e a bater fortemente no chão com as patas deanteiras. O animalzinho em que ia o rajah deu meia volta e, surdo ás falas do dono, foi postar-se na retaguarda. Os demais elephantes avançaram, vagarosa mas resolutamente, e com as trombas levantadas, orelhas estendidas e com os olhinhos sagazes fixos na frente.

«Estavamos, é claro, pertissimo do individuo que procuravamos. Boulderson disse-me que a tirasse sobre o sitio onde eu visse mover-se a herva. No mesmo momento o meu elephante deu uma enorme patada, e resouu um grito do rajah, que vira a cabeça do tigre. A isto seguiu-se um curto rugido, ou antes um uivo secco, e logo na minha frente começou a herva a agitar-se. Fiz fogo como pude, e, passado um instante, vendo desenhar-se mais claramente o movimento do animal, dei o segundo tiro. Ouviu-se outro uivo, e d'ahi a pouco perdeu-se o movimento na extensão do juncal.

«E era uma vez um tigre, disse Gutierrez.

«Qual! continuou Wilson, d'ahi a meia hora estavamos nós outra vez a contas com elle; mas então podíamos manobrar á vontade.

«Era n'um valle estreito, onde logo foi cercado pelos elephantes. Ouviamol-o rugir horri-

velmente no meio de umas urzes. Boulderson, costumado áquelle divertimento, aproximou-se no seu elephante. O tigre avançou. O elephante, um pouco tímido, voltou-lhe as costas, privando assim o denodado cacador de fazer fogo. Volta á carga seguido de dous ou tres elephantes; a fera dá um salto e quasi alcança o dorso de um dos pachydermes em que estavam montados tres ou quatro homens. O animal sacode-se com tal violencia que atira os pobres homens para cima das urzes.

«Julguei-os perdidos; felizmente, passados momentos, vi-os passar muito frescos.

«O rajah, que tinha mudado de elephante e se conservara durante este tempo a distancia, olhando a scena tranquillamente, fez-nos signal

a mim e a Boulderson para enxotarmos o bicho para o lado d'elle. O meu compatriota fez terceira tentativa, e d'esta vez com mais algum exito. Approximei-me eu então. A fera correu para mim, soltando um rugido medonho e batendo com a cauda nas ilhargas. Fiz fogo e acertei. Sentindo-se novamente ferida, retirou-se para o seu pouso; mas dez ou doze elephantes dirigindo-se para ella, espantaram-n'a e obrigaram-n'a a correr para o rajah. E então, meus senhores, posso-lhes assegurar que foi recebida condignamente. Rodeado dos seus *omras* ou fidalgos, o rajah com toda a serenidade estendeu-a immediatamente aos pés.

FRANCISCO DE ALMEIDA.



VERSOS AO JULIO

OS PEQUENINOS JARDINEIROS

Hontem, passando ao acaso
Na quinta dos Castanheiros,
Que tres lindos jardineiros
Com que eu fui dar de improviso!
É bem raro que se encontre,
Entre moços ás centenas,
Tres creanças tão pequenas
E já com tanto juizo!

Alberto, o mano mais velho,
Com dedicado carinho,
Prendia o debil tronquinho
D'uma laranjeira nova;
Com receio de que o vento
Quebrasse a vergontca fraca
Amparava-a n'uma estaca
P'ra a deixar do vento á prova.

Emma, correndo sollicita
No mais alegre alvoroco,
Vinha chegando do poço
Quasi morta de canceira;
— Mas nem as pernas lhe dóem,
Nem o correr lhe faz magua,
Que é feliz quando traz agua
P'ra regar a laranjeira.

Arthur, o mais pequenito,
Stava sentado no chão,
Co' uma florinha na mão
Sem se cançar de a cheirar.
Mas não julquem que é madraço
Se inda os manos não ajuda,
Pois de os ver, aprende, estuda,
— E aprender é trabalhar...

Chegando ao grupo sympathetic,
Eu di-se então para Alberto:
— Meu filho, conta por certo,
Verás crescer este galho,
E o pobre tronco tão fraco
Que tu, Alberto, hoje arranjas
Ha de mais tarde em laranjas
Pagar-te o nobre trabalho.

D. MARIA DO O.



BAGAMOIO

Bagamoio fica a poucas horas de viagem de Zanzibar. Enormes montes de areia o escondem do mar; mas os navegantes orientam-se pelas copas dos coqueiros que se erguem magestosos na costa.

A travessia faz-se em canoas e pangaiois, que se alugam em Zanzibar, ás vezes por bom preço. Bagamoio é uma povoação insignificante. Re-

mento importante, pertencente á missão franceza. Perto de trezentas creanças são alli educadas em diversos e uteis misteres. Uma irmã da caridade tem a seu cargo a regencia d'uma escola de raparigas.

Na quinta da missão encontram-se muitas arvores e hortaliças europeas, inclusivamente espargos e feijão verde.



PANGAIOIS

duz-se a uma rua muito comprida e tortuosa, com pouquíssimas casas de pedra; as habitações são geralmente umas palhotas feitas de troncos de arvores e de barro amassado, cobertas com folhas de coqueiro. Tem duas ou tres mesquitas, frequentadas unicamente nos dias de festa.

A população de Bagamoio compõe-se d'um variado conjunto de mercadores indios, arabes, suhêhilas e merimas, muitos escravos e alguns soldados, commandados pelo *djedamar* Issá, representante de sua alteza Saide Barghâsh.

Ha, comtudo, em Bagamoio um estabeleci-

Os padres incumbidos da *missão* prestam em verdade relevantes serviços.

Não só vão convertendo ao christianismo — a sublime religião do amor — dezenas e dezenas de creanças, como lhes incutem o gosto pelo trabalho, ensinando-lhes diversos misteres. Os padres pegam na enxada e no podão, na serra e na lima, e d'esse modo tornam o ensino mais pratico. São uns verdadeiros missionarios.

O preto é por indole preguiçoso e desleixado, por isso convém encaminhal-o, desde a infancia, na senda do trabalho honesto e util, que dá alegria a quem o pratica.

O ANJO DO LAR

COMEDIA INFANTIL EM 1 ACTO

(Offerecida ao... sr. Mattos Moreira, para seus filhos)

PERSONAGENS

OCTAVIO.....	13 annos
CELESTE.....	11 "
MARIO.....	8 "
O PAPÁ.....	

Actualidade

(A scena representa uma sala de estudo; mette ao centro com livros, papeiros de escripta, etc; porta ao fundo e janella lateral, com porta frente; nos intervalos estantes com livros; no primeiro plano á direita do espectador, um pequeno cavallete com uma paizagem já moldurada; caixa de tintas do pé, sobre um banquinho; á esquerda um bastidor, com á cadeira voltada para á parede, de modo que á bordadora veja o que se passa na sala).

SCENA I

OCTAVIO e CELESTE

(Octavio, em pé diante do cavallete, com tolette d'atelier, blusa e calça de riscado azul, dá os ultimos toques á paizagem; Celeste, toda vestida de branco, bormo attentamente; Octavio, sem largar a palheta nem o pincel, dá uns toques, afasta-se como quem quer ver de longe o effeito do quadro, examina um instante, depois vem para junto da irmã).

OCTAVIO — Levanta essa cabecinha, minha querida irmã. Vê d'ahi o effeito que produz o meu quadro. Pensas que o papá ficará satisfeito com o meu presente de annos?

CELESTE (larga a agulha, endireita o bastidor, e olha com muita attenção para o quadro) — D'aqui parece-me muito bem; aquella casinha ao longe destaca-se perfeitamente, e a folhagem das arvores recorta-se muito naturalmente no azul acinzentado do horizonte; deixa-me ir ver de mais perto, que o meu bordado está prompto. (Levanta-se e vae ver o quadro. No entretanto, Octavio larga a palheta e os pinceis e dirige-se para onde ella estava, a examinar o bordado).

OCTAVIO — Na realidade, Celeste, se eu pinto menos mal com o pincel, tu pintas admiravelmente com a agulha! Que lindo ramo!... Dir-se-ha que estas rosas são naturaes! Como deve ficar bonito o *porte-journaux* do papá. Que formoso mimo!...

CELESTE — É tempo de te ires vestir; bem sabes que o papá não tarda em chegar do escriptorio. Vou tirar o bordado do bastidor e metello no aro que veio hontem á noite do Seixas; é um instante. E o Mario por onde anda? (Vae á meza e abre uma pasta). O desenho d'elle está atrazadissimo! Tinha promettido acabar o hontem!...

OCTAVIO (vae á janella e olha para fóra) — O Mario!... Queres saber onde elle está? Anda a cavallo n'uma canna, correndo á desfilada lá no fundo do jardim!...

CELESTE — E o desenho por acabar! Chama-o, Octavio.

OCTAVIO (abre a janella e chama) — Mario! ó Mario! (Ouve-se ao longe o estalar de um chicote e um grande assobio). Elle ahí vem; parece mesmo um doidinho!

CELESTE — É pena que este nosso irmão, sendo tão bom, tão meigo e affectuoso, tenha aquella cabeça! Não toma sentido em cousa alguma; até nas brincadeiras que prefere é desastrado!

OCTAVIO — Has de crer que ainda não aprendeu a saltar a corda e o arco, por não se dar ao trabalho de vêr como isso se faz!

CELESTE — Em compensação, imita perfeitamente os conductores dos americanos e dos trens, tudo quanto seja dar chicotadas, gritar ou assobiar... .

OCTAVIO (rindo) — Elle o que tem é demasiado mimo do papá e da mamã; mas, como a idéa do desenho é nossa e elle prometteu fazel-o, ou o acaba já, ou então... .

SCENA II

Os MEMOS e MARIO

MARIO (entra pela porta do fundo, vestido de linho, calça curta e bibe preso na cintura com uma correia; traz uma especie de bolsa a tiracolo, imitando as dos conductores dos americanos, um bonet de papel deitado para traz, e um chicote. Ouvia no corredor as ultimas palavras de Octavio) — Então... Então o quê? Pensas que por teres treze annos e os oito, me mettes medo? Enganas-te... (Vae abrir a pasta, tira o desenho, procura o lapis, e põe-se a desenhar rapidamente).

OCTAVIO (que arrumou os pinceis, fecha a caixa das tintas com a palheta dentro, e vem por detraz d'elle ver o que faz, enquanto Celeste desceze o bordado do bastidor) — Se continuas a desenhar com essa pressa e com tão pouca attenção, é impossivel fazeres cousa capaz.

CELESTE — Olha que sendo mal feito, não o admittimos. Se queres pôdes, por tua conta e risco, offerecel-o ao papá; mas não quando nós lhe apresentarmos os nossos presentes.

MARIO — Deixa estar, que não has de ficar envergonhada. (Continua a desenhar, assobiando).

OCTAVIO (fitando-lhe o bonet e deitando o para baixo da meza) — Que termos são esses? pareces mais um sota de um americano que um menino de boa educação. Eu vou-me vestir, Celeste, olha por elle, tu, que já estás vestida; vê se acaba isso e se te vae arranjar. (Sai).

SCENA III

CELESTE e MARIO

CELESTE (que acabou de tirar o bordado, arruma o bastidor desarmado junto á parede, e vem para o pé d'elle, mostrando-lhe o seu trabalho)

— Vês, vês o ramo para o *porte-journaux* do papá, como ficou bonito? Porquê? porque puz todo o meu cuidado e applicação em fazer uma cousa digna de lhe ser offerecida. (Olhando para o desenho). Mais um quarto de hora e está prompto. Mas realmente, podia ficar muito melhor. Isto não são arvores, são molhos de carneja! Que vergonha, Mario! Vê se apagas isso e fazes melhor. Tu sabes o que te falta? é paciencia. Eu vou metter o bordado no aro, e já venho. Animo! (dá-lhe um beijo e sai).

SCENA IV

MARIO (só)

MARIO (continua a desenhar; limpa com a borracha, boceja, espreguiça-se, torna a desenhar, quebra-se-lhe o lapis, atira com elle para o chão, põe o papel de lado e dá um murro na meza) — Não posso... não está mais na minha mão. É impossivel olhar cinco minutos a fio para o mesmo logar. Não sei desenhar um quarto de hora seguido!... (Levanta-se e vae á janella). Ah! Precisava tomar ar!... (Dá duas voltas, vem olhar para o desenho). A Celeste tem razão; está detestavel... tudo torto!... Não nasci para isto... O que eu sei bem são os versinhos que me fez a D. Maria da Silveira para

eu recitar logo ao papá! Vamos ver se me lembram. (Vae começar a recitar e olha para o relógio.) Mas... valha-me Deus! É já tão tarde, e o desenho por acabar!... O Octavio e a Celeste tem os seus presentes promptos, e eu nem sequer vestido estou! Maldita preguiça! E mais forte do que eu!... Ah! (Batendo na testa) uma idéa. (Entreabre-se a

porta lateral e vê-se que alguém espreita. Celeste apparece á porta do fundo e fica da parte de fóra, escondida com o reposteiro.) Uma idéa magnífica!... Dito e feito... N'aquella estante (olhando para uma das estantes) está a pasta dos desenhos do Octavio. Elle fez os mesmos modelos; deve lá existir este, e sempre ha de ser melhor de que o meu. (Põe uma cadeira e sobe, a tirar a pasta.) Que grande lembrança!... (Traz a pasta, abre-a e procura rapidamente.) Cá está elle. Ora! Perfeitinho, como tudo quanto faz o mano Octavio. A paciencia personificada!... ah! ah! ah! (Pega na borracha.) Apago o O e ponho um M. Data não tem, ponho a de hoje. (Escreve.) Bem; agora toca a arrumar a pasta. (Leva-a para o seu lugar.) E o meu desenho, onde o metto? Ah! Escondo o debaixo do panno da mesa; e depois lhe darei destino. (Cantalarando muito contente.) A minha paizagem fez-se n'um instante, e não deixa nada a desejar... Agora que venham da Celeste e o Octavio. Oh! borracha, borracha! (Olhando para a que tem na mão.) Providencia dos preguiçosos!... O que eu fiz, quem ha de saber-o?

CELESTE (escondida, engrossando a voz, alto) — A tua consciencia!...

MARIO (dando um pulo de susto) — Ai!... A minha consciencia!... (Olhando em roda.) Tenho medo!! O que faço é mal feito! Mas não estará por aqui algum?! (Vae ao pé das portas.) Não vejo ninguém. Valha-me Deus! O mal está feito; agora como remedial-o?! Não tardam ahi o Octavio e a Celeste a buscar-me para levarmos os nossos brindes ao papá!... (Sobe acima da cadeira para ir metter o desenho na pasta, mas sente passos, desce muito depressa, e fica perplexo, com o papel na mão).

SCENA V
CELESTE e MARIO

CELESTE (entra graciosamente trazendo o *porte-journaux* e uma pequena pasta de chágria azul com fitas brancas) — Então, Mariquinho, já vejo que acabaste o desenho! Aqui tens uma pasta para o metter, feita pela tia Herminia.

MARIO (está como petrificado; as lagrimas cahem-lhe pelas faces).
CELESTE — Então, que é isso? Não fallas? Choras? (Enxuga-lhe os olhos.) No dia dos annos do papá não se chora. Que foi? Dize... anda, que são horas de te vestir.

MARIO (assenta-se, esconde a cara com as mãos, e soluça. De repente levanta-se) — Não, Celeste, não; o desenho não está acabado. eu, ia fazer uma má acção, mas ouvi a voz da consciencia. Não quero mentir no dia dos annos do papá.

CELESTE (abraçando-o) — Isso é de um bom menino. Mas em que mentias tu, meu amor?

MARIO (ainda soluçando) — Fui buscar á pasta do Octavio o desenho irmão do meu; apaguei o nome d'elle, e puz um M... vês? (Mostrando o papel) mas quando fazia isto ouvi uma voz fallar-me em consciencia, e comprehendí então que fazia mal...

CELESTE — E agora que pensas fazer?

MARIO — Nem eu sei! Vou ter com o papá, ponho-me de joelhos diante d'elle e confesso tudo. (Chora.) Direi que mereço castigo, mas ao menos verá que não quero mentir-lhe no dia dos seus annos!...

SCENA VI

OCTAVIO, o PAE e OS DITOS

O PAPÁ (abre-se a porta do lado e entra o Papá e Octavio já vestidos como para receber visitas; o pae vem ao pé de Mario, levanta-lhe a cabeça e beija-o) — Estás perdoado, filho, vale muito um momento de sincero arrependimento... Dá-me mais satisfação o nobre impulso da tua alma do que me houvera dado o mais primoroso desenho.

CELESTE (tira o desenho que está debaixo do panno da mesa, mette-o na pasta e leva-o ao pae) — Olhe, papá, veja sempre o desenho d'elle. Não está mausinho, para ser feito como foi... a correr.

OCTAVIO — Já agora, papá, accete aqui os nossos presentes, para evitar que lá fóra saibam o que se passou (mostra-lhe o quadro).

O PAPÁ (abraça-o) — Bravo, meu *Côrot* em perspectiva! Trabalha sempre com essa boa vontade, e serás alguma cousa no futuro.

CELESTE (offerece-lhe o *porte-journaux*) — Aqui está, meu papásinho, este *porte-journaux* para o seu escriptorio.

O PAPÁ (beijando-a) — Que bello ramo de flôres! Mas as da tua alma são mais viçosas ainda! E tu, Mario, o que me dás?

CELESTE — Elle tem uns versinhos que aprendeu para hoje.

O PAPÁ (com bondade e ameiando-o) — Vamos lá ouvir...

MARIO (recitando)

N'este dia tão ditoso,
para nós sempre propicio,
do seu grato natalicio
que nos dá tanto prazer,
desejando festejal-o,
venho fazer a promessa
d'estudar, para depressa
um bom rapazinho ser.

Mil perdões, se muitas vezes,
descuidado e indolente,
meus deveres, loucamente,
tenho esquecido, perdão!
De hoje em diante emendado,
terá em mim um bom filho,
que hade seguir esse trilha
onde o guia o coração.

O PAPÁ (abraçando-o e rindo) — A D. Maria da Silveira, quando te fez esses versos, já sabia que eram bem applicados.

CELESTE — Papásinho!... Elle ouviu a voz da consciencia... não se falla mais n'isso...

O PAPÁ (reunindo todos n'um abraço) — Sim, sim, minha querida Celeste, eu presenciei tudo, alli do meu gabinete, e tambem ouvi, não a voz da consciencia, mas a do *anjo do lar*, que és tu!

Ex.^{ma} S.^a

D. MARIA RITA CHIAPPE CADET



ALEGRIAS

Um sujeito entra n'um café e pede um copo de cerveja. Servem-lh'a logo; mas o freguez arrende-se e diz ao criado que lhe troque a cerveja por um copo de cognac.

Servido o cognac, o homem bebe-o e sahe sem pagar. O criado vae atraz d'elle e reclama a divida.

— Ora essa! — exclama o freguez formalizado. — Então eu não lhe dei em troca o copo de cerveja?...

— Pois então pague-me a cerveja.

— Isso agora é de mais! Como hei de pagar-lhe a cerveja, se eu não a bebi?...

E afastou-se muito zangado.

Tem graça.

Coragem pouco vulgar. Um velho marinheiro esmagou uma perna quando ajudava a desmontar uma peça. Foi logo levado em braços para casa, e procedeu-se á amputação da perna, operação que elle supportou sem dar um grito e fumando tranquillamente no seu cachimbo.

Quando o cirurgião terminou, o marinheiro, fazendo um esforço para levantar-se, disse-lhe:

— Desculpe, sr. doutor, não ir acompanhá-lo até á porta; mas, como vê, a culpa foi sua.

Um official prussiano, tendo de partir de Strasburgo para Berlin, deixou sahir o comboio militar, e entrou para uma carruagem do comboio ordinario. O revisor disse-lhe que era preciso comprar outro bilhete.

— Não me tiro d'aqui — respondeu o official. Veiu o inspector a convidá-lo delicadamente a apcar-se.

— Não me tiro d'aqui, já disse!

Veiu o chefe da estação. A mesma resposta.

— Bem, não se tirará d'ahi — disse o chefe, fechando a porta da carruagem.

E deu o signal da partida. O comboio sahio da gare; mas a carruagem do official prussiano não se mexeu. O chefe da estação mandara-a desengatar.

Agora é que elle podia dizer com verdade:

— Não me tiro d'aqui!



HORAS ENTRETIDAS

154 — LOGOGRAFIO POR LETTRAS

Eu sinto no meu peito uma paixão! 5, 4, 9
Um fogo que consome estas entranhas! 1, 6, 5
Allivia-me este amor, ó meu Beltrão! 2, 9, 4, 7
Mandando-me um sacco de castanhas; 4, 1, 6, 5

Mas que sejam tão grandes e tamanhas 6, 3, 4, 1
Que cauzem admiração a toda a gente! 7, 2, 6, 7, 3, 9
Estou certo que apesar das tuas manhas 6, 7, 3, 9
Não quereás que eu fique descontente. 4, 1, 6

Portanto, meu amigo, satisfaz 4, 3, 4, 9
O desejo que tenho d'esse fructo; 4, 7, 6, 1, 9
Bem sabes que fui sempre bom rapaz; 5, 2, 8, 9

E d'ancião honrado sou producto,
Por isso dá-me aquillo se t'apraz,
E eu serei p'ra ti, — quasi que um bruto!

Vizeu O PEQUENO ANTONINHO.

155 — CHARADA

Eu sou um peixe — 3
E uma cidade — 2
Sou uma planta,
Isto é verdade.

Monchique

CUNHA & C.^a

156 — ADIVINHAÇÃO

Sou bastantemnte rija
Com muitos olhos formada;
Porém, tapam-mos á força,
Se bem não lico tapada.
Nem só eu ando em pés d'outro,
Tambem me trazem nas palmas,
Sem eu ter mãos nem ter pés
Corro com frios e calmas.
Mas se desamparo o posto
E me tornam a apanhar,
Triste de mim, que ás pancadas
Me põem no meu lugar.

Lisboa

HERMINIA.

157 — PALAVRAS QUADRADAS

Antigamente era gancho,
Que servia p'ra agarrar;
Mas agora sou estaca
Em terra que tem pomar.

Vizeu

TRAVESSO & C.^a

158 — CHARADA DECAPITADA POR SYLLABAS

Fiz uma — sendo em Lisboa que se fez e — por gente
que não é — das partes de —.

Lourosa

FLOR DE LOUROSA.

159 — CHARADA NOVÍSSIMA

É altar e na musica instrumento — 2 — 1

Monchique

CUNHA & C.^a

160 — CHARADA NOVÍSSIMA

Esta fructa com:-se sem gosto — 2 — 1

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

161 — PERGUNTA INNOCENTE

Em que se parece um rio com uma alcova?

162 — PERGUNTA INNOCENTE

Em que se parece uma melancia com Leiria?

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

149, Gallo — 150, Rodoyalho —

151,

DEUS
ETRO
URAL
SOLO

152, Ridente — 153, Ara, Era, Ora, Ura.